

O BAIRRO JARDIM FELICIDADE-MG: UMA EXPERIÊNCIA DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL, RELIGIOSA E AMBIENTAL (1987-2018)¹

Gustavo André Pereira de Azevedo²

Resumo: *A comunicação da presente pesquisa, ao abordar em perspectiva histórica a vida urbana contemporânea, visa reconstituir o processo de configuração socio-identitária do bairro Jardim Felicidade. Situado em região periférica da cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, o bairro surgiu a partir da mobilização de dezenas de famílias “sem casa”, sob a liderança da Igreja Católica progressista, no contexto político de redemocratização no Brasil, iniciado em 1985. Conquistando junto aos governos federal e municipal a desapropriação de uma antiga fazenda, então repartida em lotes, tais famílias deram início à construção de suas residências, em regime de mutirão, a despeito de não contarem com nenhum serviço público elementar (nem água/esgoto, nem luz, nem coleta de lixo etc). Junto com a edificação das casas, foram surgindo pequenos grupos dedicados a práticas religiosas, como a reza do terço. Aos poucos, juntamente com a criação de associações relativas aos direitos de cidadania e o surgimento de núcleos religiosos que fortaleciam o pertencimento ao bairro – a exemplo da paróquia São Francisco Xavier, a cargo dos jesuítas – a comunidade vivenciou o crescimento exponencial da localidade, hoje dotada dos serviços acima descritos e de outras conquistas também, como creches, praças, escolas, o título de propriedade entre outros. Todavia, em contrapartida, os moradores do bairro se veem defrontados com novos desafios, como a depredação das áreas verdes e a poluição do córrego Tamboril, principal córrego do bairro, que foi transformado em um esgoto a céu aberto, devido às ocupações ocorridas de forma irregular e ao descarte inadequado de lixo. Por procurar compreender tal historicidade do bairro, em termos teóricos, esta pesquisa entrecruza história social da cultura (incluindo-se aí a participação religiosa) e a história ambiental. E com o objetivo de reconhecer os moradores como os principais narradores de sua trajetória social, a metodologia adotada pauta-se na história oral, a ser realizada através de entrevistas, bem como da observação participante das atividades de organização e atuação social, privilegiando-se a dimensão ambiental. Ao considerar a relevância das várias perspectivas possíveis sobre a construção do bairro na trajetória da pesquisa, as entrevistas são necessárias para investigar, registrar e reconstruir o percurso percorrido pelos moradores, identificando os elementos simbólicos do bairro e verificando o que caracterizou sua luta comunitária engajada.*

Palavras-chave: *Jardim Felicidade; história urbana; história ambiental; história oral; história religiosa.*

Em 1985, de forma concomitante ao início do processo de redemocratização do Brasil, um grupo de seis mulheres (Neuza da Purificação Silva, Eva Moraes da Silva, Inês Maria de Oliveira Freitas, Edima Siqueira dos Santos Cristo, Irene Martir Alves), com apoio do padre “Piggi” (Pier Luigi Bernareggi), reunia-se “no bairro Primeiro de Maio, [...] onde residiam, iniciando discussão sobre a questão da moradia. [...]” (SILVA; GOMES, 2013, p. 9). Em tais encontros, foi traçada a proposta de obter-se junto à Prefeitura de Belo Horizonte a desapropriação de terreno da antiga “Fazenda Tamboril”.

¹ Texto produzido em co-autoria com a professora Virgínia Buarque, orientadora do projeto de iniciação científica que subsidiou a escrita deste artigo.

² Graduando em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: gustavo_and99@hotmail.com

Iniciadas as mobilizações junto aos poderes municipal e estadual, de forma articulada ao GDECOM (Grupo de Desenvolvimento Comunitário), finalmente foi obtida tal aquisição, com verba repassada para a Prefeitura (mandato de Sérgio Ferrara) pelo Ministério do Planejamento. A partir daí, famílias “sem casa” que então residiam nos bairros Lagoa, São Bernardo, Floramar, Aarão Reis, Suzana e Tupi, todos localizados na periferia belo horizontina, foram convidados a participar do movimento que requisitava a obtenção de moradia própria. Com isso, em final de 1986, foi possível organizar as famílias que desejavam urbanizar o terreno em regime de mutirão na Associação dos Moradores de Aluguel da Grande Belo Horizonte (AMABEL). Em seu relato, Libertina Rosa Garcia, moradora do bairro há 30 anos, descreve sua opção em se unir a este processo:

Aí meu marido veio pra Belo Horizonte e falou: ‘Eu vou pra Belo Horizonte, você fica aqui eu vou pra lá e depois te busco’. Meu pai já tinha vindo, ele já veio com trabalho. Daí na mesma semana eu vim, eu tinha 18 anos quando eu vim por aqui, e aqui eu estou até hoje, criei meus filhos aqui. As pessoas saem de lá pra conseguir trabalho aqui (Depoimento concedido em 3 mar. 2018).

Verifica-se, efetivamente, que grande parte dos moradores do bairro é oriunda de pequenas cidades mineiras, e por ali não conseguir emprego ou outra fonte de renda, acabavam por migrar para a capital.

Em 1987, os lotes, de 180 m², começaram a ser distribuídos entre as famílias cadastradas, tendo como critério atender prioritariamente aquelas que tinham mais filhos abaixo de 14 anos: “Todos tiveram 45 dias para construir um barracão de dois cômodos. Inicialmente construíram fossas e, posteriormente, jogaram todo esgoto domiciliar no córrego Tamboril” (SILVA; GOMES, 2013, p. 9-10). A Prefeitura, em parceria com o governo federal, doou o material básico para a construção, mas a responsabilidade pela mão de obra da construção era das próprias famílias que se organizaram em mutirões para cumprir as metas. Assim, um grupo inicial de 200 famílias inaugurou o bairro, construindo também um posto policial e dois galpões, um para guarda do material de construção e outro utilizado como creche comunitária. Após estarem residindo no bairro, os moradores relataram a necessidade da construção de uma escola também, para que os filhos estudassem. Diante dessa demanda, criam-se duas associações: a Sociedade Comunitária do Bairro Felicidade (SCOMFE) e a Associação Comunitária do Bairro Felicidade (ABAFE) que em diálogo com a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), COPASA, Companhia Urbanizadora e de Habitação de Belo Horizonte (URBEL) e a SUDECAP articulou a construção da Escola Municipal Jardim Felicidade, que atualmente conta também com a Escola Municipal Rui da Costa Val não muito distante dali. Surgiam também novos grupos de reivindicação social, como o Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD), que identificou, através de entrevistas com moradores, já no ano de 2008, os principais problemas apontados acerca do bairro: desemprego, violência e saúde. Outra grave dificuldade era a limitação no fornecimento da luz elétrica e a ausência

dos títulos de propriedade, as quais foram enfrentadas com novas reivindicações junto aos poderes públicos. Somente em agosto de 2005 a área de 793.641m² foi reconhecida como Bairro Jardim Felicidade. Assim, em 2010, foram entregues cerca de 2.800 títulos de propriedade dos imóveis, acrescidos, em 2011, por pouco mais de 1000 títulos sendo ambos os anos em gestão do ex-prefeito Márcio Lacerda.

Em 1993, foi oficialmente constituída a paróquia São Francisco Xavier, pois até então a região integrava-se à paróquia Cristo Operário:

O pe. Francisco Gomes da Silva, SJ, conhecido popularmente por pe. Chico, foi designado pela Companhia de Jesus e assumiu, como primeiro pároco []. Dom Serafim [arcebispo de Belo Horizonte naquela ocasião], por reconhecer a tradição missionária dos jesuítas, entregou a eles a [área] que tinha maiores desafios sociais, com população mais carente. Então as lideranças das comunidades foram reunidas para a escolha do nome. Foi sugerido que fosse um nome de santo jesuíta. Escolheram São Francisco Xavier, o patrono das missões (depoimento do padre Marco Antônio) (OBSERVATÓRIO DA EVANGELIZAÇÃO, 2014).

Segundo a moradora e coordenadora comunitária da Pastoral da Criança, Marilene Torres de Brito, a presença dos jesuítas foi essencial para a união da comunidade em prol da construção das casas e da reivindicação dos serviços básicos. Em entrevista, ela afirma:

A gente quando veio pra aqui, o objetivo da gente era construir a morada. E passadas semanas, a gente viu que não era só aquilo que a gente queria, a gente queria algo a mais. Unir o povo, unir a comunidade, então eu já senti a necessidade de algo que se chama religiosidade. [Por]Que se tivesse alguém ali pra falar de Deus pras pessoas ia unir aquele povo, tanto pra construir o bairro quanto pra construir a igreja que somos nós. Então o nosso pensamento era esse, de fazer as duas coisas junto, e era um povo que parecia ter muita fé, muita força, muita garra (Depoimento concedido em 3 mar. 2018).

Hoje o bairro conta com um total de 22 mil habitantes em uma média de 4 500 famílias, o que demanda uma organização populacional totalmente diferente de quando iniciavam-se as obras. Outras conquistas indispensáveis para a manutenção de qualquer localidade foram alcançadas também, como os serviços da COPASA de água potável e esgoto sanitário, a energia elétrica da CEMIG e a coleta de lixo feita pela PBH. Existem também 2 creches comunitárias, as duas escolas municipais já citadas e uma área comercial tradicional dos bairros de Belo Horizonte. Os moradores relatam que ainda falta a chegada de alguns outros serviços no bairro, como a falta de asfaltamento e iluminação em algumas ruas, correios, casa lotérica, estabelecimentos bancários, postos de combustível, farmácia e principalmente uma escola

de ensino médio, já que a possibilidade de estudar fora do bairro não é viável para algumas famílias, o que pode acabar provocando evasão do ambiente escolar após formarem nas escolas municipais localizadas no bairro. Problemas latentes como esse demandam solução já que o bairro é considerado a segunda área de maior pobreza da região metropolitana de Belo Horizonte e apresenta dificuldades para lidar com os altos índices de desemprego, violência e preservação do meio ambiente.

Atualmente, o maior desafio identificado pela comunidade é o de reverter a depredação ambiental e revitalizar o córrego Tamboril. A Avenida Fazenda Velha, que corta o bairro em toda a sua extensão juntamente com o rio não é asfaltada e tem se estreitado constantemente por conta dos pequenos desmoronamentos. Nas épocas de chuva a situação se agrava, pois ocorrem inundações por falta de mata ao redor, impedindo a passagem de pedestres e veículos. De qualquer forma, a poluição parece ser o maior desafio a ser enfrentado relacionado ao córrego, já que desde a fundação o córrego é utilizado como esgoto a céu aberto e a canalização do esgoto não resolveu a situação:

Moradores antigos contam que foi a chegada da COPASA que deixou o córrego poluído. A companhia fez a rede, mas não os interceptores, jogando todo o esgoto do bairro diretamente no Tamboril. A partir daí, a população foi se distanciando do córrego, que deixou de ser fonte de água pura e passou a ser vetor de doenças (ANDRÉS, 2017).

Além disso, a Prefeitura de Belo Horizonte erigiu um projeto de reurbanização que previa a canalização do córrego, sem consulta prévia aos moradores. Tal projeto é refutado pelas associações locais, que demandam a revitalização ambiental da área. Tal objetivo da comunidade apresenta-se tão ousado como necessário:

O Córrego Tamboril, com extensão aproximada de 3.300 metros, também conhecido como Fazenda Velha, é um importante afluente do Ribeirão Isidoro que deságua no Ribeirão do Onça, na Região Norte de Belo Horizonte. A bacia do Córrego Tamboril possui como área de abrangência os bairros Jardim Felicidade, Solimões, Jardim Guanabara, Granja Tupi e Floramar. Com população estimada de 17.000 habitantes, localiza-se próximo a região conhecida como Granja Werneck, que apresenta significativa biodiversidade com presença de fragmentos dos biomas Mata Atlântico e Cerrado ainda preservados, e por isso, considerada a última área verde desocupada de Belo Horizonte (UFMG. Projeto Manuelzão, s. d.).

Com isto, esta pesquisa insere-se no desafio teórico de delineamento do que estudiosos do campo das ciências humanas vêm denominando de “sujeito ecológico, um tipo ideal presente na experiência de educadores e lideranças ambientais no Brasil.” (CARVALHO, 2003,

p. 284). Encontra-se esse alinhamento teórico na fala do entrevistado José Américo, que também foi coordenador da comunidade na implementação do Projeto Manuelzão:

Não só no Felicidade, não só em Belo Horizonte, não só no Brasil, no mundo inteiro há essa diversidade. A pessoa fala: “eu amo”, mas não ama. Porque esquece que somos vida e isso é complicado. A gente tem que pensar que somos vida. Você pra viver precisa gostar de você e entender que somos vida e gostar do próximo. Muitas pessoas tem essa sensibilidade de amar e ser amado através da vida, tem de ter essa sensibilidade também (Depoimento concedido em 20 abr. 2018).

Portanto, é visível a importância do córrego para a comunidade. Pois ao entrecruzar a citação acima com o desenho do bairro elaborado pelo entrevistado identifica-se “uma orientação ecológica como princípio orientador da vida pessoal e instaurador de relações intersubjetivas onde se dá o reconhecimento pelos pares e a legitimação no campo ambiental.” (CARVALHO, 2003, p. 284). Ao tomarmos a dimensão ecológica como parte da dimensão urbana e cotidiana dos cidadãos que ali habitam, as perspectivas de ambiente se expandem. Atualmente os conceitos de história ambiental são ideais para se pensar a relação do homem com seu espaço para além do biológico, assim destaca o autor José Augusto Pádua, referência central para pesquisa e um dos pioneiros nessa vertente:

Em todas as situações, no entanto, o biofísico, o social e o cultural estão presentes. Nos diferentes casos, o que se percebe são sistemas abertos e que se modificam no andamento da história. Os próprios relacionamentos entre todos os componentes da interação – onde todos são relevantes, mesmo que em diferentes níveis – constroem, destroem e reconstróem inúmeras formas materiais e culturais. No sentido mais profundo, o desafio analítico é o de superar as divisões rígidas e dualistas entre natureza e sociedade, em favor de uma leitura dinâmica e integrativa, fundada na observação do mundo que se constrói no rio do tempo (PÁDUA, 2010, p. 97).

Dessa forma, conforme indica o presente trabalho, não é possível restringir o que seria a história ambiental do bairro somente ao meio ecológico assim como não é possível restringir a sua história sociocultural ao movimento que iniciou o bairro ou ao movimento religioso ali presente. O entrelaçamento dessas perspectivas permite visualizar que o crescimento do bairro abrange as mais diversas experiências cotidianas e horizontes de expectativas que não cabem mais as mesmas teorias para seu entendimento. Na intenção de aproximar mais dessa diversidade, a metodologia de história oral presente nas entrevistas semiestruturadas realizadas com moradores do bairro, a fim de que diferentes versões e interpretações sobre a sua relação com o ambiente venham à tona, possibilita um “contato mais íntimo entre o entrevista-

dor e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 189).

Diante de tal metodologia, inicialmente os objetivos do projeto tem foco em reconstruir esse processo histórico que configurou socialmente a região e deu identidade ao bairro. Esse objetivo será realizado através das entrevistas que articulam as experiências culturais e identitárias locais e o cotidiano urbano, a fim de produzir uma documentação para pesquisas futuras e um material para os próprios moradores que contenha o seu olhar sobre sua própria história. Por sua vez, a veracidade das respostas promovidas pelos entrevistados, sem ser posta em questão (trata-se de uma atestação, ou seja, de um regime de verdade que se operacionaliza sob o critério da memória narrada, e não da prova empírica) (RICOEUR, 2007), será cotejada com o restante dos registros documentais e os desenhos feitos pelos moradores, a fim de acessar diferentes memórias e interpretações. Na sequência do projeto, ao confrontar e analisar mais a fundo a documentação recolhida, poderão surgir hipóteses mais consolidadas e novas possibilidades de caminhos a serem descobertos sobre a localidade.

REFERÊNCIAS:

- ANDRÉS, Roberto. Flor no asfalto. *Jornal O tempo*, 16 mar. 2017. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/opini%C3%A3o/roberto-andr%C3%A9s/flor-no-asfalto-1.1447932>>. Acesso em: 3 mar. 2018.
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 283-302, julho de 2003.
- GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas – RAE*. São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, mai./jun. 1995.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. Trad. Heloísa Monteiro e Francisco Sttineri. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- MOREIRA, Erivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. 2. ed., Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- OBSERVATÓRIO DA EVANGELIZAÇÃO, dez. 2014. Disponível em: <<https://observatoriodaevangelizacao.wordpress.com/2014/12/12/parouquia-sao-francisco-xavier-uma-rede-de-comunidades-em-processo-permanente-de-autoconstrucao/>>. Acesso em 3 mar. 2018.
- PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*, v. 24, n. 68, 2010.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.
- RODRIGUES, André Figueiredo. Os usos da cartografia histórica nos livros didáticos. *Navigator*, p. 7-23, 2012. Disponível em: <http://revistanavigator.com.br/navig4/art/N4_art1.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2018.
- SILVA, Janice Antério da Rocha; GOMES, Maria do Carmo. *Jardim Felicidade: várias histórias em uma história*. Belo Horizonte, O Lutador, 2013.
- UFMG. Projeto Manuelzão. *Núcleo Tamboril*. s. d. Disponível em: <<http://www.manuelzao.ufmg.br/mobilizacao/nucleos/n%C3%BAcleo-tamboril>>. Acesso em 3 mar. 2018.